

## Vínculo Conjugal e Transição para a Parentalidade: Fragilidades e Possíveis Superações

Helena Centeno Hintz<sup>1</sup>

Paula Hintz Baginski<sup>2</sup>

### Resumo

*O relacionamento conjugal traduz a convivência de dois indivíduos que se amam e escolhem viver suas vidas juntos. É esperado que esta convivência íntima viesse a consolidar esta relação, tornando-a estável e capaz de enfrentar as mudanças no ciclo de vida familiar e as vicissitudes da vida cotidiana. Entretanto, há casais com alguns anos de convivência que, após o nascimento de um filho, esfriam o relacionamento, passando a demonstrar conflitos e fragilidades no vínculo conjugal. A intimidade compartilhada pelo casal esmaece, gerando distanciamento e quebra de espontaneidade entre ambos. Entender as situações acontecidas na transição da conjugalidade para a parentalidade é fundamental para esclarecer os motivos geradores de expectativas recíprocas não correspondidas, sensações de incompreensão e fracasso mútuos. Estes sentimentos poderão interferir na educação e no desenvolvimento dos filhos nascidos em momento tão importante na vida de uma nova família. O objetivo deste trabalho é apontar possíveis causas que possam levar à deterioração do relacionamento do casal e influir no relacionamento parental, utilizando aportes teóricos e apresentação de vinhetas de atendimento de casais, ocorridos na prática clínica, com características e queixas semelhantes.*

**Palavras-chave:** *relacionamento conjugal; transição para parentalidade; relação triádica; primeiro filho; conflito parental.*

### **Marital and Transition to Parenting: Weaknesses and Possible Overruns**

### **Abstract**

*The marital relationship reflects the coexistence of two individuals who love each other and chose to live their lives together. It is expected that this close coexistence can consolidate this relationship, making it stable and able to cope with the changes in family life cycle and the vicissitudes of everyday life. However,*

---

1 Psicóloga, Psicoterapeuta individual, de casal e família. Membro da equipe de coordenação, docente e supervisora do DOMUS – Centro de Terapia de Casal e Família. Editora da Revista Pensando Famílias. Presidente da Associação Gaúcha de Terapia Familiar – 2002/2004; 2006/2008. Membro do Conselho Deliberativo e Científico da Associação Brasileira de Terapia Familiar – ABRA-TEF. Editora da Revista da Associação Brasileira de Terapia Familiar – 2008/2012.

2 Psicóloga, Psicoterapeuta individual, de crianças, casal e família. Membro do Corpo Clínico e coordenadora do Grupo de Estudos da Infância e Adolescência do DOMUS – Centro de Terapia de Casal e Família. Membro da Comissão Editorial da Revista Pensando Famílias. Revisora Técnica da Revista da Sociedade Psicologia do RGS, Brasil – 2000/2011.

*there are couples with some years of co-existence that, after the birth of a child, they cool the relationship, going to demonstrate weaknesses and conflicts in the marriage. The previous shared intimacy fades, creating distance and spontaneity break between the couple. Understand the situations that happened in the transition from conjugality to parenting is essential to clarify the reasons for the existence of mutual unfulfilled expectations, misunderstanding and sense of failure. These feelings may interfere in both education and development of children who were borned in such an important moment in the life of the new family. The purpose of this paper is to identify possible causes that may lead to deterioration of the couple's relationship and may affect the parental relationship, using theoretical and presentation vignettes of couples that occurred in clinical practice, with similar characteristics and complaints.*

**Keywords:** *marital relationship; transition to parenting; triadic relation; first child; parental conflict.*

### **Introdução**

A família em seu desenvolvimento passa por transições e crises que afetam o subsistema conjugal e, conseqüentemente, o subsistema pais-filho. A transição do subsistema conjugal para o parental acarreta tantas modificações em nível individual e conjugal que se caracteriza como uma das transições mais delicadas e passíveis de provocar dificuldades no relacionamento familiar. A passagem para a função parental exige a formação de novas formas de interação a partir dos padrões conhecidos que se fundamentam sobre as características pessoais dos cônjuges e sobre a interação conjugal dos mesmos. Inicialmente serão apresentados alguns aspectos que podem influenciar na construção da relação conjugal para em seguida ser examinada a interação parental.

### **O desenvolvimento da relação conjugal**

No desenvolvimento da relação conjugal, os casais passam por diferentes etapas, como ocorre no ciclo de vida da família. Cada uma destas etapas é composta por características específicas e por diferentes oportunidades, dificuldades e tarefas necessárias (ou a serem cumpridas), proporcionando o desenvolvimento de distintos padrões de interação. Entretanto, é importante salientar que estes padrões interacionais também estão relacionados à história individual de cada casal, podendo acontecer de diferentes forma e tempo para cada um dos cônjuges.

O casal passa por um ciclo de desenvolvimento, conforme Hintz (1998), da mesma maneira que o indivíduo e a família, desdobrando-se em cinco etapas fundamentais, que comumente seguem uma sequência básica:

-*Enamoramento*: caracteriza-se por ter presentes uma forte atração e um desejo mútuo de tornar-se apenas um. Neste momento, não há espaço para as diferenças individuais e, frequentemente, estabelece-se um estado de fusão em que o casal passa a criar um sentido único de percepção do mundo externo. Há a formação da identidade do casal, por meio da transição do *si mesmo* para o *nós*. Neste momento, a tarefa do casal é conectar os objetivos e expectativas internas com a realidade externa para que se forme um relacionamento real e possível de se desenvolver.

-*Estabelecendo diferenças*: os cônjuges iniciam a ter pensamentos distintos e as diferenças tornam-se visíveis. Neste estágio, os padrões interacionais e a capacidade de negociação têm um importante papel. Na eventualidade da negociação não se consolidar, os cônjuges provavelmente sentir-se-ão ameaçados por suas diferenças, podendo aparecer um desejo de retornar ao estado de fusão, uma vez que assim sentiam-se seguros.

-*Relações de poder*: envolve a situação em que um dos cônjuges passa a desejar maior independência do outro, possibilitando o aparecimento de ansiedade, tensão e conflitos mais intensos neste momento.

-*Estabilidade*: cada cônjuge volta-se para o mundo e para as realizações externas. Nesta etapa os parceiros apresentam um nível adequado de intimidade e têm mais tranquilidade e maior possibilidade de realização pessoal, conduzindo-os a uma maior cumplicidade.

-*Comprometimento*: os cônjuges assumem a opção de permanecer juntos sem o compromisso de suprir as idealizações do parceiro. Neste momento, os parceiros se conhecem tanto como indivíduos independentes quanto como um casal. O *eu* e o *nós* coexistem em harmonia e os indivíduos desenvolvem uma capacidade de negociação que permite a transformação sem ameaça à relação.

Para Pittman (1994) nos pontos considerados críticos no curso de desenvolvimento conjugal, há instabilidade e possibilidade de surgir diversos problemas e riscos para os relacionamentos. Os pontos críticos mais perigosos pelos quais o casal passa, segundo seu entendimento, são: “o apaixonar-se”, “o pânico pré-nupcial”, “o fim do romance”, “o mundo adulto”, “a paternidade e a maternidade”, “a diminuição do sexo”, “o atingir o topo”, “o ninho vazio” e “os fatos da vida”. Cada um desses pontos pode ser tanto uma oportunidade de crescimento, quanto um momento de risco e insegurança para o casal.

Segundo Cox, Paley, Burchind e Payne (1999), são nas transições da conjugalidade para a parentalidade que um casal pode se tornar vulnerável, pois o relacionamento conjugal tem que ser reorganizado por encontrar novos desafios.

### **Transitando para a parentalidade**

Em termos relacionais, o momento específico da transição para a parentalidade vivido pelos casais que esperam o nascimento de seu primeiro filho, é um dos momentos que mais sintetizam o significado etimológico da palavra *crise*, segundo sua origem oriental: oportunidade e perigo (Caplan, 1980). Por demarcar a transição da condição única de casal para a de família, este período é considerado como central na compreensão do desenvolvimento do casal, da família e do indivíduo.

Carter e McGoldrick (1995) referem que mudanças estruturais são como saltos que ocorrem quando mecanismos homeostáticos da família não são suficientes durante uma crise normal do ciclo evolutivo. A crise é caracterizada por inconsistências, confusões e injunções paradoxais, as quais são consideradas pré-requisitos para uma transformação criativa na estrutura familiar. O processo de desenvolvimento da família realiza-se por intermédio da transição de um estágio para outro, propiciando momentos de maior estresse familiar. Podem surgir de forma vertical, por padrões transmitidos transgeracionalmente ou de forma horizontal produzido por uma ansiedade contínua contida na linha do tempo ao lidar com as mudanças provenientes do ciclo vital.

A parentalidade é um processo intenso e está em constante construção. Possivelmente o surgimento desta nova função provocará algumas repercussões na relação conjugal. Até este momento, a família é composta apenas por um casal e as interações no sistema nuclear são estabelecidas apenas entre esses dois indivíduos. Com o nascimento do primeiro filho, há a entrada de um terceiro membro no núcleo familiar. Isto acarreta o surgimento de novas responsabilidades e tarefas para ambos os cônjuges.

Pittman (1994) enfatizou a importância do surgimento da paternidade e da maternidade no processo de desenvolvimento dos casais. O autor aponta que, representando o início da família, frequentemente a transição para a parentalidade coincide com o fim do romance. Os cônjuges tomam consciência de que são partes de algo maior do que sua condição de casal e, com isso, renegociam seus padrões interacionais e seus valores anteriores. Para alguns casais esta transição possibilita desenvolver novas capacidades enquanto para outros a busca por soluções pode acarretar dificuldades. Apresentar dificuldades iniciais na transição para a parentalidade por algum tempo pode ser natural, mas não conseguir alcançar uma reorganização por um longo tempo aponta a existência de problemas crônicos que irão, certamente, influenciar negativamente o estabelecimento da parentalidade e o desenvolvimento adequado da criança (Cox et al., 1999).

Uma das dificuldades deste momento é a entrada definitiva no mundo adulto que acompanha o nascimento do primeiro filho, para a qual alguns indivíduos não estão preparados. Outra é a necessidade urgente de reestruturação e de modificação dos padrões de relacionamento anteriores, possibilitando a chegada do novo membro à família. Dessa forma, há um impacto tanto no adulto individualmente como na relação conjugal.

A transição para a parentalidade encontra-se relacionada a adaptações intra e interpessoais, envolvendo a mãe, o pai e a relação conjugal (Perren, Wyl, Burgin, Simoni, & Klitzing, 2005). Além disso, implica em mudança de papéis, funções, inserindo novos relacionamentos, passando de uma relação a dois para uma relação a três, pais e filho, redefinindo a relação conjugal. Dessa forma é uma experiência que poderá desequilibrar tanto os pais como indivíduos como a própria relação do casal. Esses autores concluem que nem sempre a chegada de um bebê causa problemas graves se não houver conflitos graves antes do casal se tornar pais. Entretanto, a parentalidade pode vir a ampliar as dificuldades já existentes entre os cônjuges.

Gordon e Feldman (2008) trazem o conceito de coparentalidade no sistema familiar como a qualidade da coordenação entre adultos e como ambos exercem a função parental. A coparentalidade inclui comportamentos sistêmicos entre pai e mãe com uma sincronia mútua, tais como solidariedade, hostilidade, competitividade, apoio e envolvimento. A coparentalidade é considerada como distinta, ainda que relacionada ao subsistema conjugal. Entretanto, ela se encontra conectada mais diretamente com o contexto relacional pais-filho.

O nascimento do primeiro filho faz com que se rompa a relação anterior de exclusividade, o que pode ou não provocar uma evolução na relação. Para que este processo se dê de forma saudável e construtiva, é necessário que o casal elabore a perda da posição infantil de indiferenciação e simbiose com o cônjuge, aceitando as suas diferenças. Pode aparecer ciúme entre os cônjuges em função da necessidade de dividirem a atenção do companheiro, antes integral, com o novo membro da família - o bebê. O percurso de cada casal depende do modo como sua relação está estabelecida e de como cada cônjuge é capaz de resolver suas frustrações e elaborar a perda da exclusividade do companheiro (Minuchin, 1982).

A chegada de um bebê além de modificar a vida do casal de pais, também causa mudanças significativas nas famílias de origem de ambos. Estabelece-se o início de uma nova etapa no ciclo familiar, podendo ser o momento em que os pais dos pais tornem-se avós. Evidencia-se a influência que a nova família exerce sobre as famílias de origem, mas estas também exercem influências por meio das questões de transmissão transgeracional. As experiências que

os novos pais tiveram dentro de suas famílias de origem podem influenciar na formação dos modelos e representações mentais da nova função de pai e de mãe. Se as experiências vividas nas famílias de origem foram conflituadas, há maiores possibilidades de que a transição para a parentalidade ocorra com mais dificuldades, isto é, a qualidade das relações conjugais nas famílias de origem está associada com a qualidade dos casamentos na próxima geração (Perren et al., 2005). Estes autores concluem que casais com lembranças negativas da família de origem, podem apresentar um mau relacionamento, quando enfrentam os desafios do nascimento e a criação de um bebê.

Lewis (1988) considera que nem todos os casais vivenciam a parentalidade da mesma forma, alguns conseguem exercê-la mais adequadamente do que outros. São as vivências de cada casal e de cada parceiro que irão determinar como será vivida a transição para a parentalidade com as mudanças advindas para a construção de novos papéis e funções, coexistindo com as funções pertinentes com a relação conjugal. Se houver uma boa aproximação e entendimento entre o casal antes de haver a transição para a parentalidade, esta poderá ser favorecida com uma maior estabilidade na estrutura do relacionamento. O conteúdo das interações entre os cônjuges e entre pais e filhos é usado para entender os relacionamentos intrafamiliares e possibilitar a prevenção de problemas no diversos relacionamentos familiares.

Casais jovens, com filhos em torno de um ano, têm buscado ajuda por estarem se sentindo insatisfeitos, com divergências que há pouco tempo não tinham em seus relacionamentos. O discurso dos casais é semelhante, com um cenário diferente.

Como exemplo de demanda, a queixa de um destes casais foi de que não estavam mais se entendendo há algum tempo, após o nascimento do bebê. Tudo o que conversavam era motivo para desentendimentos ou pequenas discussões. Os dois discutiam até mesmo para resolver pequenas coisas sobre o filho de um ano seis meses. Estavam com a crença de que a relação entre eles estava muito difícil, com diferenças cada vez mais acentuadas em tudo o que pensavam e faziam. Acreditavam que talvez o melhor fosse a separação do casal.

Outro casal trouxe como queixa principal discussões motivadas pela ajuda que cada um dos cônjuges queria pedir a sua própria família. Eles precisavam da ajuda das famílias de origem para poderem contornar algumas situações com a filha de um ano e seis meses. A cada situação em que deveriam acionar a ajuda de um dos pais, sempre acontecia uma discussão, mesmo que não diretamente relacionada com o momento. Ambos estavam sentindo que não se entendiam e que um não aceitava as relações com a família do outro. É como se houvesse uma guerra entre as famílias de origem por intermédio da disputa entre eles.

O motivo da procura por atendimento de outro casal foi a distância que ambos os cônjuges se encontravam um do outro. O marido alegava que sua esposa estava muito apegada a sua própria mãe, afastando-se dele inclusive quando necessitava de ajuda para lidar com a filha de 15 meses.

Um casal procurou ajuda terapêutica, pois com o nascimento do filho de um ano, ambos sentiram que o relacionamento deles tornou-se difícil, discutindo muito. Isso trazia lembranças tristes do que viveram em suas infâncias e não queriam repetir com o filho o que viveram no passado com os seus pais.

### **Causas que podem levar a uma deterioração da conjugalidade**

Logo no início do nascimento do bebê, tanto a mulher quanto o homem estão muito voltados para as *novas* funções de pais. Desta forma, a conjugalidade, antes função central no sistema da família nuclear, passa a coexistir com a parentalidade, desenvolvendo-se, a partir deste momento, o estabelecimento de novos padrões de interação. Essa mudança necessita ocorrer para que o sistema possa se transformar adequadamente e responder às demandas decorrentes da transição, promovendo o desenvolvimento individual de todos os membros da família e do sistema familiar.

Em 1982, Minuchin escreveu que o mundo ocidental estava passando por transformações e, conseqüentemente, a família inserida na sociedade também apresentava movimentos de transformação em sua estrutura e relacionamentos. A constituição da família nuclear é relativamente recente, oriunda da Revolução Industrial, movimento que trouxe muitas transformações à sociedade como um todo. Atualmente estamos na era Pós-Industrial, chamada era da Informação ou Conhecimento, tempo de grandes e rápidas transformações de âmbito socioeconômico e político que recaem sobre a família, unidade menor da sociedade ocidental. Estas transformações incidem diretamente na dinâmica familiar, obrigando as famílias rapidamente a se adaptar para uma melhor convivência intra e extrafamiliar.

Segundo Singly (2000), atualmente, tendo-se em vista o número crescente de separações e divórcios em virtude de que o amor é prioridade para estas uniões, os casais tornaram-se mais *frágeis*. As transformações desenvolvidas têm criado a necessidade de se dar mais atenção aos membros que constituem a família. O objetivo da família modificou-se não mais priorizando a educação de seres obedientes, submetidos à hierarquia familiar e social, mas para criar um ambiente onde crianças e adultos se sintam reconhecidos como pessoas *originais*. Dessa forma, a família tornou-se um espaço de referência para a construção da identidade íntima. As normas referentes à educação se modificaram devendo a criança ser respeitada em seu modo de ser. Os pais devem contribuir para ajudá-la na construção de ser ela mesma, não deixando que esta construção

aconteça prioritariamente em função de princípios externos. Este movimento também se observa em relação à construção da relação do casal: o homem e a mulher enamorados vivem uma relação de confiança onde poderão expressar, com o apoio de seu amado(a), toda a sua personalidade. Desta forma, nasce uma *nova* família, mais centrada nos indivíduos e na qualidade das relações interpessoais, sendo denominada de *família relacional e individualista*. A família então é caracterizada por uma igualdade de tratamento.

Tendo em vista estas transformações onde é esperada uma nova atribuição aos pais, levanta-se a questão de que isto talvez contribua para um relacionamento mais tenso entre os jovens pais, tornando a relação conjugal mais sujeita a expectativas e cobranças entre os cônjuges. Na realidade, espera-se que os casais mantenham um relacionamento de um amor mútuo significativo, dedicando aos filhos uma atenção bastante cuidadosa. Isto sem dúvida é muito gratificante e saudável, mas também é bastante exigente, podendo levar o indivíduo a um estresse emocional expressivo.

Nas queixas trazidas pelos casais que se referem ao relacionamento entre eles, percebe-se de forma subjacente que existe um receio de que o outro já não ame mais. A forma irritada com que se comunicam, demonstra que naquele momento sentem que não estão sendo amados e cuidados pelo outro. Muitas vezes se referem a *como era antes e como é agora com a chegada do filho*, entendendo que o filho é o divisor e o marco da transformação, para a qual não estavam preparados para acontecer. Assim, o amor e o cuidado mútuo que une os casais e que preserva a relação e o indivíduo, são os mesmos que causam tensão e que podem levar à separação.

### **Triangulação**

Para entender esta desestabilização da dinâmica conjugal, é importante apresentar a teoria de Bowen (1991). O autor dá um significado especial à transmissão transgeracional dos padrões de relacionamento por meio do conceito de triângulos. A triangulação envolve sempre uma díade e um terceiro, que entra quando o nível de tensão e ansiedade aumenta entre duas pessoas. Desta forma, quando a tensão emocional no casal se eleva, um dos cônjuges busca triangular com uma terceira pessoa, neste caso o filho, no intuito de que a tensão se modifique dentro do triângulo. Assim, os triângulos tornam-se ativos em contextos de tensão constituindo-se em um mecanismo de resposta.

Isso torna-se muito claro quando o casal discute por uma diferença de ideias quanto ao cuidado com o filho. Aquele que tem sua ideia predominante fica aliado ao filho, enquanto que o outro muitas vezes afasta-se com certo rancor. Em casais que não estão preparados para enfrentar bem estas diferenças, situações como esta passam a acontecer frequentemente, muitas vezes para encobrir



outras insatisfações que no momento ainda não estão claras para os cônjuges. São casais jovens que encontramos em permanente discussão em função da educação do filho.

### **Transgeracionalidade**

A fragilidade dos vínculos encontrada nestes casais ao se tornarem pais pode advir de fatores transgeracionais. Enquanto o casal permanece como díade, as relações com as famílias de origem são amenas e agradáveis. As crenças, mitos e rituais de cada família são acatados e não é motivo de diferenças perturbadoras entre o casal.

Ao se tornarem pais, a vinda do filho pode contribuir para uma desavença no casal. Agora ambos têm realmente algo que lhes pertence verdadeiramente: um filho que é o representante da união dos dois como pais. Esta situação pode acrescentar uma dimensão diferente ao relacionamento, oportunizando a existência de alianças e, conseqüentemente, relações de inclusão e exclusão de um dos parceiros. Isto pode ser agravante quando um dos parceiros fica em uma posição de contrariedade a qualquer manifestação de absorção de alguma questão ou fato transgeracional. Cada indivíduo desta relação é parte de uma rede de relações que envolvem as famílias de origem, assim, somente se permitirem experimentar o que desejam ou não para a relação é que formarão um novo sistema familiar adequado às suas necessidades e crenças.

Eventualmente, a comunicação entre o casal muda, ocorrendo de forma mais agressiva ou impaciente. Isto é um indicativo de que há um desentendimento importante entre os cônjuges, que pode decorrer de inseguranças e imaturidade que apresentam ao se sentirem responsáveis pelo cuidado de um bebê. Estas dificuldades podem ser provenientes de experiências ocorridas nas respectivas famílias de origem, em situações onde a tolerância à frustração não era exercitada.

### **Idealização da figura parental**

Um aspecto que pode levar a desavenças entre o casal acontece quando os cônjuges têm expectativas de que o outro deve cumprir com a imagem de pai ou mãe que ele/ela tem como ideal de figura parental. Isto acontece quando a ligação com a família de origem é muito forte e o cônjuge não se desliga do papel de filho(a), confundindo o atual papel de pai/mãe com o papel de filho(a) que deseja um pai/mãe para si mesmo. Ou busca no seu parceiro a representação de um pai ou mãe que acredita que não teve. Projeta no outro a necessidade da figura parental que não vivenciou em sua plenitude.

Isto estabelece uma relação conjugal/parental complicada, pois não consegue ascender para uma atitude adulta madura, reconhecendo-se como pai ou mãe. Permanece na posição filial, buscando no cônjuge a possibilidade de elaboração de conflitos infantis. Se o outro não aceita esta posição maternal ou paternal para com seu parceiro, é provável que a união não seja duradoura, pois ele pode se sentir com um peso e responsabilidade maior, não tendo a parceria de um companheiro atuante e responsável.

### **Pertencimento**

Outro fator que leva a uma fragilidade dos laços conjugais após o nascimento de um filho é o fator de pertencimento a um grupo familiar. Todo membro de uma família deve ter o sentimento de pertencer à ela, mas deve, ao longo de sua permanência no grupo familiar de origem, desenvolver a capacidade de individuação. Isto é o que irá possibilitar ao indivíduo sair da família de origem e fundar sua própria família nuclear, passando este sentimento a se referir à família atual.

Casais que se sentem pertencendo às suas famílias de origem, muitas vezes apresentam um relacionamento com fronteiras emaranhadas, onde não há uma definição clara de funções. Esta situação onde *tudo é de todos* dificulta o indivíduo sair da família de origem e assumir uma função determinada em sua própria família.

### **Ciúmes**

Quando o casal não está muito seguro do que representa um para o outro, a vinda de um filho pode desencadear situações de ciúme. Em muitas queixas dos casais aparece a sensação de um cônjuge estar sendo deixado pelo outro em troca da companhia do filho. Esta divisão de atenção é vivida como uma perda da exclusividade de um sobre o outro e pode ter início depois de alguns meses da chegada do bebê. Segundo Menezes (2001), para que haja uma reconstrução da relação do casal, é necessário que este abandone sua posição infantil de indiferenciação e simbiose referente ao cônjuge e passe a aceitar as suas diferenças assumindo uma posição madura e capaz de resolver suas frustrações.

Há estudos que apontam haver uma satisfação conjugal mais alta no início do casamento, declinando quando o primeiro filho nasce e voltando a crescer novamente quando os filhos se tornam adolescentes (Menezes, 2001). Isto leva a pensar que é comum que os casais tenham conflitos sérios nesta fase provenientes de diferentes causas.

### **Implicações terapêuticas**

Quando o casal procura ajuda relatando que não estão se entendendo nem como casal nem como pais, a avaliação e os processos terapêuticos devem abordar alguns aspectos da vida conjugal anterior ao nascimento do bebê. É pertinente que os pais possam se conectar e descrever suas experiências vividas com seus pais. Segundo Perren et al. (2005) são relevantes as recordações que o adulto tem do seu relacionamento com seus pais como o relacionamento que o pai e a mãe tiveram um com o outro durante sua infância, influenciando, desta forma, a sua transição para a parentalidade. Se os pais têm em sua lembrança experiências negativas do relacionamento parental de seus pais, correm o risco de terem dificuldades em seu relacionamento conjugal, o que pode influenciar negativamente a transição para a parentalidade. É de grande ajuda fazer narrativas destas lembranças negativas, podendo assim lidar com as emoções associadas a elas. Isso permite ao casal de pais desenvolver de forma diferente a conjugalidade e a transição para a parentalidade.

Segundo Gordon et al. (2008) as mães que favorecem a reciprocidade com seus parceiros, especialmente nos primeiros meses da parentalidade, proporcionam um maior envolvimento do pai com a criança, levando a uma melhor relação triádica. Desta forma vão se formando padrões específicos do relacionamento familiar que irão compor o estilo da interação familiar para os próximos anos. Após quatro a seis meses, ocorre o período mais difícil na vida dos jovens pais, pois é o momento em que a mulher retorna ao trabalho, devendo o casal lidar com a rotina diária. Este período também marca um momento de alto risco para a vida conjugal, podendo haver um declínio nesse relacionamento por meio da diminuição de satisfações conjugais.

Durtschi (2011) refere que estudos de Gottman e Notarius (2000) sugerem que 40% a 70% dos casais que se tornam pais pela primeira vez experimentam uma diminuição na qualidade de suas relações conjugais, constituindo-se, dessa forma, a transição para a parentalidade um desafio, mesmo com toda a alegria e satisfação que a função parental possa trazer. Esta questão não deve ficar esquecida, pois pode acarretar dificuldades significativas no relacionamento familiar. Segundo Gottman e Levenson (2002), a maioria dos divórcios ocorre nos primeiros anos de casamento, derivados de um mau relacionamento conjugal. Conseqüentemente, este comportamento irá influenciar diretamente o desenvolvimento do bebê, podendo ocasionar reações negativas na criança alguns anos mais tarde. Katz e Gottman (1994, In Durtschi, 2011) mostram que as relações conjugais estão associadas às emoções dos bebês e, também, à forma como cada um dos pais brinca e se relaciona com seu filho.

Biehle e Mickelson (2011) sugerem, em estudo realizado, que a eficácia esperada da parentalidade e a percepção da gravidez com responsabilidade são importantes para uma adequada saúde mental perinatal e a satisfação do relacionamento para ambos os parceiros e para o casal. Os autores referem que a eficácia da parentalidade da mãe e a responsabilidade da gravidez foram mais importantes para a saúde mental do casal. Quando ambos os cônjuges concordam sobre a responsabilidade da gravidez, propiciam melhor satisfação do relacionamento e menor depressão materna.

É interessante observar nos casais os processos de interações triádicas e alertá-los a respeito de comportamentos intrusivos e de falta de apoio entre eles, tornando os casais mais conscientes de seu comportamento e sua implicação relacional. É importante mostrar aos pais que, já nos primeiros meses de vida, as crianças são observadoras alertas da aliança parental e respondem ativamente aos padrões relacionais dos pais. Fortalecer a aliança coparental por intermédio de comportamentos tais como mutualidade, olhar positivo, diminuição da intromissão ou da evitação entre os cônjuges, pode prover uma estrutura melhor para o desenvolvimento da criança dentro do contexto familiar e enfatizar uma atmosfera familiar positiva que é central para um bom crescimento socioemocional (Gordon & Feldman, 2008).

Uma questão a ser observada em pais iniciantes é a forma como acontece o nascimento do bebê e seu desenvolvimento, levando o casal a uma percepção conjunta de parentalidade. A habilidade que o casal já apresentou em resolver problemas juntos irá influenciar na sua reorganização com a chegada do bebê com toda a suas demandas e necessidades. Assim, a capacidade de chegar a soluções antes do nascimento do filho, pode predizer sobre as percepções e habilidades do casal na sua transitoriedade para a parentalidade, a fim de propiciar o bem-estar da criança (Cox et al., 1999).

### **Considerações finais**

Como visto ao longo deste trabalho, diferentes fatores influem significativamente sobre os casais que se tornam pais, cuja construção da função parental encontra-se permeada de conflitos que levam a uma convivência insatisfatória.

Ao iniciar um processo terapêutico com estes casais, é indispensável avaliar suas habilidades para exercerem a função parental e, logo após, ampliar o olhar para as relações conjugais que se tornam associadas a esta nova função. De igual forma, é pertinente compreender as percepções e vivências de cada cônjuge em sua individualidade, assim como os relacionamentos com suas famílias de origem e as relações conjugais de seus pais. Assim, com uma avaliação clínica das três gerações, há uma melhor compreensão do casal que se torna pais, ampliando as possibilidades de entendimento e superação dos conflitos próprios desta etapa do ciclo vital.

## Referências

- Biehle, S. N. & Mickelson, K. D. (2011). Preparing for parenthood: How feelings of responsibility and efficacy impact expectant parents. *Journal of Social and Personal Relationships*, 28(5), 668–683.
- Bowen, M. (1991). *De la familia al individuo*. Buenos Aires: Paidós.
- Caplan, G. (1980). *Princípios da psiquiatria preventiva*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cox, M. J., Paley, B., Burchind, M., & Payne, C. (1999). Marital perceptions and interactions across the transition to parenthood. *Journal of Marriage and Family*, 6(3), 611-625.
- Durtschi, J. A. (2011). *Trajectories of marital quality and behavior across the transition to parenthood*. Dissertação de doutorado em Filosofia da Florida State University, College Of Human Sciences, USA.
- Gordon, I. & Feldman, R. (2009). Synchrony in the triad: a microlevel process model of coparenting and parent-child interactions. *Family Process*, 47(4), 465–479.
- Gottman, J. M., & Levenson, R. W. (2002). A two-factor model for predicting when a couple will divorce: Exploratory analyses using 14-year longitudinal data. *Family Process*, 41(1), 83-96.
- Hintz, H. C. (1998). A dinâmica da interação do casal. *Pensando Famílias*, 1, 31-40.
- Lewis, J. (1988). The transition to parenthood: II. Stability and change in marital structure. *Family Process*, 27(3), 273-283.
- Menezes, C. (2001). *A relação conjugal na transição para a parentalidade: da gestação ao segundo ano de vida do bebê*. Dissertação não publicada. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Minuchin, S. (1982) *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Perren, S., von Wyl, A., Burgin, D., Simoni, H., & von Klitzing, K. (2005). Intergenerational transmission of marital quality across the transition to parenthood. *Family Process*, 44(4), 441-459.
- Pittman, F. (1994). *Mentiras privadas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Singly, F. (2000). La reinvención de la familia. *Label France*, abril, n. 39.

## Endereço para correspondência

hchintz@terra.com.br  
paulahintz.b@globo.com

Enviado em 19/04/2012  
1ª revisão em 03/05/2012  
Aceito em 07/05/2012